

Locativos preposicionados em posição de sujeito:
uma possível contribuição das línguas Bantu
à sintaxe do português brasileiro

Juanito Avelar
juanitoavelar@iel.unicamp.br
Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Sonia Cyrino
cyrino@iel.unicamp.br
Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

RESUMO. Observando o contraste existente entre o português brasileiro e o português europeu em relação a locativos preposicionados em construções encaixadas, argumentamos que esses constituintes podem ocupar a posição gramatical de sujeito em sentenças com verbos transitivos no português brasileiro. Após examinar a chamada *inversão locativa* (em que um constituinte locativo não-argumental é realizado em posição de sujeito) encontrada em várias línguas, focalizamos os casos da construção em línguas Bantu, uma vez que algumas delas eram faladas pela maioria dos escravos chegados ao Brasil entre os séculos XVI e XIX. Sugerimos, preliminarmente, que as inovações do português brasileiro são o resultado do português usado como segunda língua por falantes nativos de línguas Bantu. A possibilidade de um locativo ser pré-verbal e concordar com o predicado nessas línguas, aliada ao enfraquecimento do paradigma flexional presente nos dados lingüísticos primários, gerou ambigüidade para a criança que aprendia o português como primeira língua. O sintagma locativo pré-verbal, em uma posição periférica no português, é reanalisado e passa a poder figurar na posição gramatical de sujeito no português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE. Locativos preposicionados, inversão locativa, português brasileiro, línguas Bantu, sintaxe gerativa, mudança sintática.

ABSTRACT. We observe the existing contrast between Brazilian and European Portuguese in relation to prepositional locatives in embedded sentences, and we argue that those constituents can occupy the grammatical subject position in transitive sentences in Brazilian Portuguese. After examining the so-called *locative inversion* (in which a non-argumental locative constituent may be in subject position) found in various languages, we focus on the cases of the construction in the Bantu languages, since some of them were spoken by the majority of slaves brought to Brazil between the 16th and 19th centuries. We suggest that the Brazilian Portuguese innovations are the result of the

Portuguese used as a second language by Bantu languages native speakers. The possibility for a locative to be pre-verbal and agree with the predicate in those languages combined with the impoverishment of the inflectional paradigm present in the primary linguistic data generated ambiguity for the child acquiring Portuguese as her first language. The pre-verbal locative phrase, which was in a peripheral position in Portuguese, is reanalyzed as possible in the position of grammatical subject in Brazilian Portuguese.

KEY-WORDS. Prepositional locatives, locative inversion, Brazilian Portuguese, Bantu languages, generative syntax, syntactic change.

1. Introdução

O português brasileiro (PB) e o português europeu (PE) apresentam um contraste bastante proeminente em torno de sentenças como aquela exemplificada em (1) a seguir, que traz um sintagma locativo preposicionado na posição pré-verbal da oração encaixada. Construções desse tipo recebem, em PE, uma interpretação na qual o sujeito nulo da encaixada é correferente ao sujeito da principal, tal como indicado em (2a). Em contraste, falantes do PB atribuem a essa construção uma interpretação indeterminadora, similar a casos em que o *se*, no PE, é empregado como índice de indeterminação, como em (2b).¹

- (1) Ele disse que **naquela loja** vende livros.
 (2) a. Elei disse que **naquela loja** *cvi* vende livros.
 b. Ele disse que se vende livros **naquela loja**.

Uma vez que o emprego de *se* indeterminador não é usual no PB, a versão indeterminadora da construção em (1) poderia resultar de um simples desuso desse pronome nos contextos em questão.² Essa visão, contudo, é insuficiente para explicar o fato de, no PB, o locativo ser obrigatório entre esses casos, como podemos observar

¹ Em PB, a única situação em que se pode atribuir uma leitura referencial para um sujeito nulo no interior da encaixada em construções desse tipo parece-nos ser aquela em que o locativo recebe uma leitura de foco contrastivo, quando é pronunciado com uma entonação marcada, como destacado em (i) a seguir.

(i) O Pedro disse que, NAQUELA LOJA (e não em outra), (ele) vende livros.

² Para uma abordagem em torno de construções indeterminadoras sem o emprego do *se* no PB, ver Galves (2001).

em (3). Se toda a história pudesse ser resumida a uma mera rejeição ao *se*, a construção em (3a), sem o locativo, deveria ser licenciada no PB da mesma forma que o PE licencia a construção com *se* em (4), na qual a presença ou ausência do locativo é indiferente para garantir a aceitabilidade.

- (3) a. *Vende muitos livros.
b. **Lá / Naquela loja** vende muitos livros.
- (4) (Naquela loja) vende(m)-se muitos livros

Assumindo a versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1995; 2000; 2001), partiremos dos contrastes em questão para argumentar que, diferentemente do que se observa no PE (e, até onde saibamos, nas outras línguas românicas), locativos preposicionados (doravante, PPloc) podem ocupar a posição gramatical de sujeito em sentenças com verbos transitivos do PB. Nestes termos, a impossibilidade, no PB, de o sujeito da principal e da encaixada ser correferentes em (1) resulta do fato de o locativo ocupar a posição de sujeito no interior da encaixada e, portanto, impedir que qualquer outro elemento ocorra na mesma posição.³

Iremos sugerir, em seguida, que essa inovação do PB pode ser uma contribuição de línguas da família Bantu, faladas pela maioria dos escravos chegados ao Brasil entre os séculos XVI e XIX. Uma vez que essas línguas admitem, em larga escala, a chamada *inversão locativa* (denominação comumente atribuída a casos em que um constituinte locativo não-argumental é realizado em posição de sujeito), é possível que os fatos do PB sejam o resultado de um processo de aquisição em que um PPloc pré-verbal (no PE, um constituinte adjungido) é reanalisado como alocado na posição gramatical de sujeito.⁴

³ Contudo, como destacado na nota 1, casos em que o locativo pré-verbal é interpretado como foco contrastivo parecem admitir a leitura em que o sujeito nulo da encaixada seja correferente ao sujeito da principal. Em tal situação, o locativo estaria não na posição gramatical de sujeito, mas concatenado em alguma posição periférica, na qual receberia a leitura contrastiva. Nessa condição, a posição de sujeito da encaixada estaria livre para alocar uma categoria vazia com o mesmo referente que o sujeito da principal.

⁴ Um dos revisores deste artigo destaca o fato de o trabalho não discutir hipóteses alternativas, bem como de não apresentar fatos de outras línguas românicas

O trabalho é dividido como se segue: na seção 2, serão apresentados alguns contrastes interlingüísticos relacionados a padrões de inversão locativa, com base em dados do inglês e de algumas línguas Bantu; na seção 3, apresentamos evidências de que, no PB, locativos preposicionados pré-verbais podem, em sentenças com verbos inacusativos, inergativos e transitivos, ocupar um lócus normalmente identificado como sendo a posição de sujeito; na seção 4, sugerimos preliminarmente que as inovações do PB quanto à inversão locativa podem ser o resultado de um processo em que os dados lingüísticos primários, na aquisição da língua, deixaram de ser transparentes quanto à posição do PPloc pré-verbal, em função do aprendizado do português como segunda língua por falantes nativos de línguas Bantu; na seção 5, apresentamos as considerações finais.

parecidos aos atestados no português brasileiro. De acordo com o revisor, “a hipótese de substrato talvez seja inútil” à luz desses fatos.

Sobre a discussão de hipóteses alternativas, este é, até onde saibamos, o primeiro trabalho a abordar o fenômeno da inversão locativa no português brasileiro de uma perspectiva comparativa. Não há, considerando o caráter ainda incipiente das discussões sobre o tema, como apresentar hipóteses alternativas acerca desses mesmos fatos.

Sobre a apresentação de fatos parecidos em outras línguas românicas, não temos, até aqui, notícias de que os padrões relevantes identificados no português brasileiro (inversão locativa com verbos inergativos e transitivos) ocorram entre outras línguas da mesma família (ver a seção 3). A esse respeito, fazemos menção ao estudo de Fernandez-Soriano (1999) para o espanhol (ver seção 3.3), que revela serem bastante restritos os contextos de inversão locativa na gramática do castelhano. Cremos que os fatos do espanhol podem, guardadas as particularidades de cada língua, ser representativos do que ocorre em outras gramáticas ibéricas e, talvez, em outras línguas românicas.

A respeito da noção de substrato, acreditamos que o quadro teórico aqui assumido (a vertente diacrônica desenvolvida a partir da Teoria de Princípios e Parâmetros, particularmente na perspectiva de Roberts 2007) nos permite prescindir desse conceito. Da perspectiva a que recorremos, o que entra em jogo são os seguintes elementos: (a) os fatos de natureza mentalista, biológica, relacionados à aquisição de uma língua; (b) as possíveis correlações, dessa mesma natureza, que podemos observar na aquisição de uma segunda língua por indivíduos adultos (como aquela que caracterizou a aquisição do português por falantes de línguas Bantu – ver a seção 4.1) e (c) as condições que possibilitam a transmissão de possíveis inovações desencadeadas durante o processo de aquisição às futuras gerações de aprendizes da língua. Não vemos, dessa perspectiva, razões para sustentar este trabalho na noção clássica de substrato.

2. Inversão locativa: alguns contrastes interlingüísticos

O fenômeno a que se costuma denominar *inversão locativa* corresponde a casos em que constituintes locativos, normalmente tidos como não-argumentais, ocorrem em uma posição da sentença que pode ser identificada como a posição gramatical do sujeito (para discussões mais detalhadas, ver Bresnan & Kanerva (1989), Mok (1992), Levin & Rappaport Hovav (1995), Fernandez-Soriano (1999), Demuth & Mmusi (1997), Baker (2003), Marten (2006) E Mendikoetxea (2006), dentre vários outros). As línguas naturais não se comportam uniformemente quanto às propriedades que envolvem o fenômeno, podendo diferir, entre outros aspectos, quanto a propriedades de concordância e à especificidade da estrutura argumental que licencia a inversão.⁵

Em relação à concordância, a diferença está na possibilidade de o verbo concordar ou com o constituinte locativo em posição pré-verbal ou com o constituinte pós-verbal que corresponde ao sujeito argumental. As sentenças do inglês e do chichewa (família Bantu) em (5) e (6) abaixo exemplificam cada possibilidade. No inglês, o verbo sempre concorda com o sujeito argumental pós-verbal; em chichewa, é o locativo pré-verbal que desencadeia a concordância.

- (5) a. *From such optical tricks arise all the varieties of romantic hallucination...*
 b. *...out of the house came a tiny old lady...*

(Levin & Rappaport Hovav 1995: 220-221)

- (6) CHICHEWA

a. *ku-um-dzi ku-na-bwér-á a-lendô-wo*
 17-3-village SC17-PAST-come-FV 2-visitors-those
 'To the village came those visitors.'

b. *m-mi-têngo mw-a-khal-a a-nyãni*
 18-4-tree SC18-PERF-sit-FV 2-baboons
 'In the trees are sitting baboons.'

(Bresnan & Kanerva 1989)

Quanto à estrutura argumental que licencia a inversão locativa, há pelo menos dois padrões: (i) a inversão locativa é admitida apenas (ou, pelo menos, preferencialmente) em construções inacusativas; (ii) a inversão locativa ocorre em uma variedade mais ampla de cons-

⁵ Para um quadro contrastivo detalhado, ver Salzmann (2004).

truções. O inglês e o chichewa exemplificam o primeiro caso, como podemos observar em (7) e (8) abaixo.

- (7) a. In the distance APPEARED the towers and spires of a town [...].
 b. * In the cafés of Paris TALK many artists.
 (Levin & Rappaport Hovav 1995: 220-221)

- (8) CHICHEWA
- | | | | |
|-----|---|---------------------|-------------------|
| a. | <i>ku-mu-dzi</i> | <i>ku-na-bwér-á</i> | <i>a-lendô-wo</i> |
| | 17-3-village | SC17-PAST-come-FV | 2-visitors-those |
| | 'To the village came those visitors.' | | |
| b.* | <i>m-mi-têngo</i> | <i>mu-kú-imb-á</i> | <i>a-nyăni</i> |
| | 18-4-tree | SC18-PROGR-sing-FV | 2-baboons |
| | Lit.: 'In the trees are singing baboons.' | | |
- (Bresnan & Kanerva 1989)

Em contraste, línguas Bantu como o setswana e o kinyarwanda, com dados apresentados a seguir, admitem a inversão locativa com verbos inergativos e transitivos (Salzamann 2004). A única restrição que impõem é para que os argumentos interpretados como agente e tema não co-ocorram na mesma sentença.

- (9) SETSWANA
- | | | |
|--|------------|-----------|
| Mó-le-fátshé-ng | gó-fúla | di-kgomo |
| 18-5-country | 17SM-graze | 10-cattle |
| 'In the country are grazing the cattle.' | | |
- (10) KINYARWANDA
- | | | | | |
|----|---|---------------------------|-----------------|--------------------|
| a. | <i>kw' íisôko</i> | <i>ha-Ø-guz-w-e</i> | <i>ibi-íntu</i> | <i>bi-taandátu</i> |
| | <i>in market</i> | <i>16-PST-buy-PAS-PRF</i> | <i>8-thing</i> | <i>8-six</i> |
| | 'At the market were bought six things.' | | | |
| b. | <i>um cyumba</i> | <i>ha-Ø-ríi-r-iyé</i> | <i>umwána</i> | |
| | <i>in room</i> | <i>16-PST-eat-APL-PRF</i> | <i>1:child</i> | |
| | 'The child ate in the room.' | | | |

Destacamos que não é simples classificar as línguas naturais, em termos tipológicos, quanto aos diferentes padrões de estruturas argumentais que admitem a inversão locativa. Há casos, por exemplo, como o do castelhano, em que a inversão locativa é admitida apenas com uma subclasse restrita de verbos inacusativos (ver Fernandez-Soriano 1999). Há, ainda, situações como a encontrada em otjiherero, que compõe um grupo de línguas mais liberais que o setswana

e o kinyarwanda quanto às estruturas argumentais que admitem a inversão (ver Marten 2006). Mesmo no inglês, em que a inversão locativa costuma ser usada como um diagnóstico de inacusatividade, ocorrem estruturas com verbos tipicamente inergativos que trazem um PPloc em uma aparente posição de sujeito (ver, por exemplo, Levin & Rappaport Hovav (1995) e Mendikoetxea 2006).

Para os objetivos deste trabalho, concentramo-nos, de forma simplificada, no recorte entre (a) línguas que admitem a inversão locativa apenas na situação em que um único argumento, interpretado como tema, estiver presente na estrutura (inglês e chichewa), e (b) línguas que afrouxam esta restrição, admitindo que esse argumento único seja ou o agente, ou o tema (setswana e kinyarwanda).

3. Inversão locativa no português brasileiro

Nesta seção, apresentamos alguns fatos que corroboram a idéia de que, diferentemente das demais línguas românicas, o PB admite inversão locativa em sentenças construídas com verbos inergativos e transitivos, similarmente ao observado em línguas como o setswana e o kinyarwanda. Os conjuntos em (11)-(14) abaixo mostram que verbos inacusativos, transitivos ergativizados (ou seja, sem o agente) e inergativos admitem, em PB, a ocorrência de um locativo pré-verbal, sem que qualquer DP/NP argumental apareça na posição de sujeito.

(11) **verbos inacusativos**

- a. Na casa da Maria *chegou* algumas cartas.
- b. No meio da festa *apareceu* uns convidados estranhos.
- c. Naquele documento *consta* o nome da Maria.

(12) **verbos inergativos**

- a. Naquele quarto *dormiu* várias pessoas.
- b. Naquela fábrica *trabalha* muitos amigos meus.
- c. Na universidade *estuda* a filha de uma amiga minha.

(13) **verbos transitivos ergativizados**

- a. Naquele bairro *aluga* casa de todos os preços.
- b. Na loja do Pedro não *conserta* sapato de couro.
- c. Naquele fazenda *plantava* beterraba.

(14) **verbos transitivos e inergativos sem tema e/ou agente**

- a. Nas cidades do interior não *seqüestra* tanto como nas grandes capitais.
- b. No casa do João *cozinha* todos os dias.
- c. Na casa da Maria *dorme* cedo.

Cabe ressaltar que o fato de as sentenças acima apresentarem um PPloc pré-verbal não é, por si só, revelador da posição em que este se encontra. Os testes a seguir, contudo, evidenciam que os PPloc estão licenciados no lócus comumente identificado como posição de sujeito.

3.1. Obrigatoriedade do constituinte locativo em contextos com sujeitos pós-verbais

Os dados em (a) apresentados em (15)-(16) mostram que o PPloc é opcional nos casos em que o sujeito argumental é pré-verbal; em contraste, nos casos em que o sujeito é pós-verbal, como em (b), o PPloc passa a ser obrigatório. Essa obrigatoriedade pode ser adequadamente explicada se assumirmos que o locativo satisfaz a condição EPP quando o sujeito é pós-verbal (como em (15b)) ou não está presente na sentença (como em (16b)-(17b)).⁶ Para tanto, é necessário assumir

⁶ É importante observar, contudo, que constituintes locativos podem “salvar” as sentenças se também forem inseridos em posição final, tal como abaixo:

- a. Vende muitas calças *naquela loja*.
- b. Grava todo tipo de filme *nesse meu DVD*.
- c. Trabalha vários amigos meus *naquela fábrica*.

Esses casos poderiam ser contra-argumento à idéia de que o constituinte locativo “salva” a sentença com o sujeito posposto por meio de sua entrada em posição de sujeito, que seria, no PB, uma posição pré-verbal. Os fatos em (ii), contudo, mostram que sujeitos podem ser licenciados em posição final, se forem interpretados como tópico e/ou forem retomados por um pronome pessoal em posição pré-verbal.

- (ii) a. (ele_i) não quis almoçar hoje, o Roberto_i
- b. (ela_i) vai comprar um carro novo, a Maria_i
- c. (elas_i) comeram a comida toda, as crianças_i

Da mesma forma, locativos em posição final podem ser retomados por elementos adverbiais pronominais presentes na posição pré-verbal, como nas sentenças em (iii). Esses fatos mostram que, ao contrário do que possa parecer, a possibilidade de locativos em posição final não é um contra-argumento à hipótese de que esses elementos podem garantir a aceitabilidade da sentença ao entrar na posição tipicamente ocupada pelo sujeito argumental, já que sujeitos argumentais também podem aparecer, nas condições apontadas, em posição final.

- (iii) a. (*lá*_i) vende muitas calças, *naquela loja*_i
- b. (*af*_i) grava todo tipo de filme, *nesse meu DVD*_i
- c. (*lá*_i) trabalha vários amigos meus, *naquela loja*_i

que o locativo esteja em [Spec,TP/IP], sem o quê a obrigatoriedade não poderá ser tratada em termos de satisfação do EPP.

- (15) a. *(Naquele quarto)* várias pessoas dormiram.
 b. **(Naquele quarto)* dormiu várias pessoas.
- (16) a. *(Naquela loja)* todos os tipos de livro vendem.
 b. **(Naquela loja)* vende todos os tipos de livro.
- (17) a. *(Na casa do João)* o Pedro cozinha todos os dias.
 b. **(Na casa do João)* cozinha todos os dias.

3.2. Alçamento

As construções com o verbo de alçamento *parecer* mostram que o PPloc deve ocorrer em posição pré-verbal se o sujeito argumental da sentença permanecer posposto. Dados desse tipo revelam que os locativos funcionam da mesma forma que sujeitos nominais quanto à obrigatoriedade de serem movidos para [Spec,TP] em construções de alçamento. Seguindo a mesma linha de raciocínio sugerida para os dados em (15)-(17) acima, podemos afirmar que o PPloc pode satisfazer a condição EPP também nesses tipos sentenciais.

- (18) a. * Parece *na casa da Maria* chegar muitas cartas.
 b. *Na casa da Maria* parece chegar muitas cartas.
- (19) a. * Parece *naquele shopping* trabalhar muita gente.
 b. *Naquele shopping* parece trabalhar muita gente.
- (20) a. * Parece *naquela loja* vender bastante sapato.
 b. *Naquela loja* parece vender bastante sapato.
- (21) a. * Não parece *nas cidades do interior* seqüestrar tanto como nas grandes capitais.
 b. *Nas cidades do interior* não parece seqüestrar tanto como nas grande capitais.

3.3. Estatuto de foco e locativos pré-verbais

Segundo Fernandez-Soriano (1999), somente alguns tipos de verbos monoargumentais admitem a ocorrência de PPloc em posição de sujeito no espanhol. Dentre os fatos explorados pela autora, estão aqueles que dizem respeito ao contraste observado em (22) a seguir: sentenças em que verbos do tipo *faltar* e *sobrar* ocorrem com locativos pré-verbais e sujeitos pospostos podem ser apresentadas como respostas a um pergunta do tipo *¿Qué pasa / pasó?*, mas não sentenças com o inacusativo *llegar* ou com o inergativo *rodar*.

- (22) a. – ¿Qué pasa / pasó?
 b. – En esta casa *falta* café.
 – En esta classe *sobran* estudantes.
 – # Por la colina *rodó* el carrito del niño.
 – # A esta casa *llegaron* estudantes.

Para a autora, a explicação para esse contraste passa pelo fato de o PPloc ocupar uma posição argumental nas construções com *faltar* e *sobrar*; nas outras, o PPloc ocuparia a posição periférica de tópico, que é não-argumental. Isso significa que aquelas sentenças, mas não estas, podem receber integralmente o estatuto de foco e, como tal, serem dadas como resposta à indagação *¿Qué pasa / pasó?*. Ou seja, somente na posição de sujeito, mas não na posição de tópico, pode o PPloc integrar uma resposta a essa pergunta.

Os exemplos em (23) mostram que o PB não faz distinções tão restritas quanto o espanhol. Se a proposta de Fernandez-Soriano for válida, isso significa que o PPloc deve estar na posição de sujeito, e não em uma posição periférica à esquerda, em todos os casos a seguir:

- (23) a. – O que está acontecendo? / – O que aconteceu?
 b. – Na casa da Maria *chegou* umas pessoas estranhas.
 – Na casa da Maria *dormiu* umas pessoas estranhas.
 – Naquela loja *vendeu* mais de cem pares de sapatos ontem.
 – Na casa do João não está mais *cozinhando* aos finais de semana.

3.4. *Inversão locativa e construções transitivas ergativizadas*

De um ponto de vista meramente descritivo, a inversão locativa corresponde a uma troca de posições entre um constituinte locativo e o sujeito. Essa visão traria um aparente problema para classificarmos os casos com verbos transitivos ergativizados,⁷ exemplificados em (13), como instâncias canônicas de inversão locativa, uma vez que, em tais construções, não há qualquer sujeito argumental que possa “trocar” de posição com o locativo.

Os dados em (24)-(27) a seguir, contudo, revelam que, ao contrário do que parece à primeira vista, constituintes locativos podem trocar de posição com o próprio tema na ocupação de [Spec,TP/InflP].

⁷ Para uma discussão mais detalhada sobre construções transitivas ergativizadas, ver Franchi, Negrão & Viotti (1998).

Observe-se que tanto o PPloc quanto o tema podem ser alternados na posição pré-verbal, situação que caracteriza descritivamente os casos classicamente tratados como inversão locativa.

- (24) a. Naquela loja *vende* todas as edições do livro do Harry Potter.
b. Todas as edições do livro do Harry Potter *vendem* naquela loja.
- (25) a. No meu DVD não *grava* filmes antigos.
b. Filmes antigos não *gravam* no meu DVD.
- (26) a. Naquela fotocopiadora não *xeroca* os livros novos da biblioteca.
b. Os livros novos da biblioteca não *xerocam* naquela fotocopiadora.
- (27) a. Nas lojas do centro só *conserta* sapatos importados.
b. Sapatos importados só *consertam* nas lojas do centro.

Os exemplos em (28)-(29) adiante, que apresentam sentenças com os verbos transitivos *adorar* e *odiar*, confirmam o caráter de inversão atribuído às construções acima. Nestes casos, o PPloc não é licenciado em posição pré-verbal. Essa propriedade pode ser explicada pelo fato de, nestas mesmas sentenças, o tema não ser um candidato à posição de sujeito, conforme se pode atestar pela clara inaceitabilidade das construções em (b). Em outras palavras, construções com os transitivos *adorar* e *odiar* não admitem a inversão locativa porque também não permitem que o tema ocorra em [Spec,TP], não havendo, nesses casos, qualquer elemento argumental que possa inverter sua posição com o PPloc.

- (28) a. * Na casa da Maria *adora* os livros do Harry Potter.
b. * Os livros do Harry Potter *adoram* na casa da Maria.
- (29) a. * Na faculdade *odeia* os professores conservadores.
b. * Os professores conservadores *odeiam* na faculdade.

4. Especulando sobre as causas da inovação no português brasileiro

Nesta seção, iremos delinear uma hipótese, em nível ainda bastante preliminar, sobre uma possível causa para a emergência dos padrões de inversão locativa identificados no PB. Essa hipótese passa por assumir uma influência da gramática de línguas Bantu sobre a sintaxe do PB, bem como uma possível correlação entre padrões de inversão locativa e propriedades do paradigma flexional.

4.1. *Ambigüidade em dados lingüísticos primários*

Em propostas como as de Roberts (2007), **dados lingüísticos primários** (PLD, de *Primary Linguistic Data*) podem levar a mudanças gramaticais, quando não são transparentes o suficiente para permitir que a criança fixe a marcação de um determinado parâmetro. Situações de contato entre membros falantes de línguas distintas figuram entre os fatores extralingüísticos que ocasionam essa condição. Em tais situações, é plausível pressupor que os falantes, ao se comunicarem em uma segunda língua, empreguem estruturas que correspondam, o mais próximo possível, à configuração de sua língua materna.

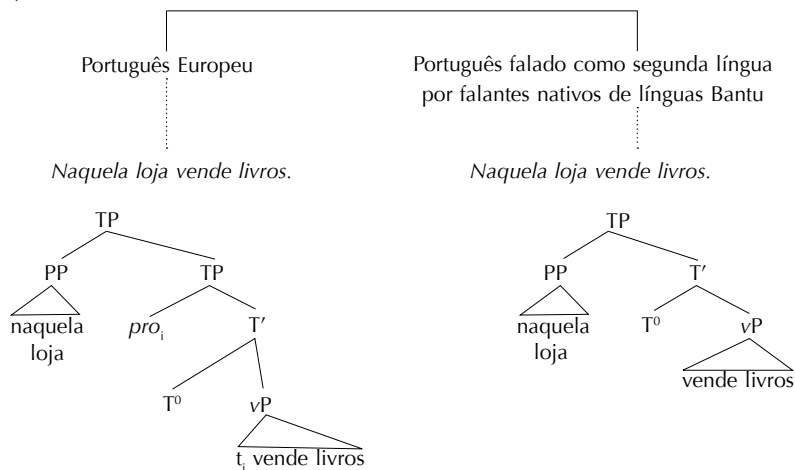
Roberts & Roussou (2003) argumentam em favor da idéia de que, para lidar com a falta de transparência nos dados, a criança “procura” a representação *menos marcada* para determinada categoria. Para definir o que seria uma representação *menos marcada*, considera-se uma hierarquia em que a operação MERGE (nos termos de Chomsky 1995) seria mais simples (e, portanto, menos marcada) do que a operação MOVE.

Tendo em mente essa idéia, um possível quadro para a situação de aquisição da língua em terras brasileiras durante o período colonial seria aquele em que os escravos chegados da África, falantes (em sua grande maioria) de línguas Bantu, aprendiam e moldavam o português de acordo com a gramática de sua língua materna. Considerando que as línguas Bantu são mais permissivas que as línguas românicas no que diz respeito aos contextos que admitem a inversão locativa (ver a seção 2), podemos imaginar uma situação em que os africanos analisariam locativos pré-verbais como categorias instadas na posição gramatical de sujeito, tal como admitido em sua primeira língua, e não em uma posição periférica.

Seriam comuns situações em que as crianças se defrontariam com sentenças do tipo *Naquele loja vende roupas*, à qual poderiam ser associadas duas estruturas possíveis, tal como no esquema apresentado abaixo, a depender do falante que estivesse produzindo a construção.

(30)

PLD



Se a proposta de Roberts & Roussou estiver correta, a criança optaria pela estrutura gerada pelos aprendizes de português como segunda língua, por ser esta *mais simples* em relação à estrutura gerada pelos falantes de português como língua materna: nesta, é preciso assumir uma categoria pronominal nula que se move de [Spec,vP] para [Spec,TP], com o constituinte locativo sendo concatenado em alguma posição periférica; naquela, basta assumir a concatenação do constituinte locativo diretamente em [Spec,TP]. Em outras palavras, a criança optaria pela estrutura fornecida pelos escravos, com inversão locativa, em função de estas serem menos marcadas que as produzidas por falantes de PE.

Se nossa hipótese estiver correta, a possibilidade de concatenação do constituinte locativo diretamente em [Spec,TP] seria acompanhada de um processo em que a presença de um argumento externo em [Spec,vP], a ser interpretado como agente, deixa de ser obrigatória. Trata-se do mesmo padrão observado entre construções passivas analíticas, em que o argumento externo do verbo é dispensado, com a diferença de que, entre as passivas, não há qualquer constituinte locativo sendo requerido para garantir a aceitabilidade da sentença.

Os fatos observados por Gonçalves & Chimbutane (2004) no português moçambicano reforçam a idéia de que as inovações demonstradas pelo português brasileiro para a sintaxe dos sintagmas locativos resultam de influências das línguas Bantu. No português

moçambicano, constituintes introduzidos por *em* também são licenciados em posição de sujeito, como nos exemplos a seguir.

- (31) PORTUGUÊS MOÇAMBICANO
- a. **Em casa dele** é aqui em frente.
 - b. **Na nossa zona** era fértil.
 - c. **Na igreja** é pequeno.

(Gonçalves & Chimbutane 2004)

De acordo com Gonçalves & Chimbutane, esse fato seria reflexo de propriedades das línguas Bantu faladas em Moçambique pelos aprendizes de português. Para destacar paralelos entre essa inovação e propriedades da língua primeira desses aprendizes, os autores apresentam fatos do Changana, uma das línguas faladas em território moçambicano. Em Changana, há padrões de inversão locativa similares aos identificados no português moçambicano, como se pode facilmente atestar pela comparação das construções em (32) a seguir com aquelas apresentadas em (31). Observe-se, em (32), que o constituinte locativo *kerek-eni* 'na igreja' ocorre em posição de sujeito, desencadeando a manifestação da marca de concordância locativa junto ao verbo, que corresponde ao índice 17. Um constituinte do mesmo tipo, introduzido pela preposição *em*, aparece na posição de sujeito das sentenças do português moçambicano apresentadas em (31).

- (32) CHANGANA
- a. *Kerek-eni* **ku-nghen-ile** *tintombhi*
 9igreja-Loc 17SM-entrar-PS 10-rapariga
 'Na igreja entraram raparigas.'
 - b. *Kerek-eni* *i* **ku-tsongo**.
 9igreja-Loc é 17-pequeno
 'Na igreja é pequeno.' (sem equivalente no português europeu)
- (Gonçalves & Chimbutane 2004)

O fato de variedades do português africano apresentarem inovações similares às identificadas no português brasileiro corrobora a idéia de que os padrões brasileiros de inversão locativa, sem paralelo entre as línguas românicas, resultam do contato entre o português e as línguas Bantu.⁸

⁸ A proposta de Gonçalves & Chimbutane (2004) para explicar as particularidades de sintagmas introduzidos por *em* no português moçambicano é diferente da que

4.2 Inversão locativa e concordância

Ainda que correta, a hipótese sugerida em 4.1 não pode ser a história completa. É preciso capturar não apenas a opção pela entrada do locativo em uma posição tipicamente destinada a constituintes argumentais, mas também o fato de o aprendiz do PB deixar de empregar o pronome nulo referencial nessas construções. Em relação a este segundo fato, tem sido consensual na literatura que as mudanças na morfologia verbal tiveram um papel determinante nas inovações do PB – uma delas diz respeito exatamente ao desaparecimento de pro nulo referencial, que teria deixado de ser licenciado devido ao desenvolvimento de um paradigma flexional empobrecido (ver, por exemplo, Ferreira 2000).⁹

Seguindo essa linha de raciocínio, Avelar (2006) sugere que, no PB popular, a opcionalidade da concordância sujeito-verbo, como exemplificado em (31) a seguir, está associada ao fato de a categoria

sugerimos para o português brasileiro (ver 4.2). Para aqueles autores, os constituintes locativos introduzidos por *em* foram, na variedade africana, reanalisados como constituintes nominais, com a preposição passando a corresponder a uma categoria interna ao DP/NP. O licenciamento desses constituintes na posição de sujeito estaria, dessa forma, relacionado ao fato de sintagmas como *na igreja* corresponderem, no português moçambicano, a verdadeiros sintagmas nominais, e não a sintagmas preposicionados.

De fato, apesar das similaridades entre as variedades brasileira e moçambicana do português, há contrastes que justificam um tratamento diferenciado para a inversão locativa nas duas línguas. Esses contrastes podem, no que diz respeito à história externa, ser atribuídos a diferenças nos contextos sociolingüísticos que marcam a formação de uma e outra variedade (Avelar, Cyrino & Galves 2008). Como destacado por Gonçalves & Chimbutane, a aquisição do português como segunda língua em Moçambique passa por pelo processo de escolarização (diferentemente da forma como os negros chegados ao Brasil aprendiam o português), somando-se a isso o forte peso das línguas africanas, evidentemente muito maior em Moçambique do que no Brasil colonial. Além disso, sabemos que, no Brasil, diferentemente do que se observa entre a população moçambicana nos dias atuais, os aprendizes da língua tornaram-se monolíngües, o que certamente pode ser apontado como um fator que contribui para as diferenças entre o português brasileiro e a gramática emergente no território moçambicano.

⁹ Para outros estudos sobre as conseqüências da simplificação da morfologia verbal em PB, ver Duarte (1995), Figueiredo Silva (1996), Galves (1996; 2001), Kato (2000), Rodrigues (2002), Martins & Nunes (2008), dentre outros.

T poder ser licenciada sem traços- ϕ . Isso significa que, em PB, constituintes nucleados por categorias sem traços- ϕ (como as preposições) podem ser licenciadas na posição de sujeito, já que a concordância sujeito-verbo não precisa ser desencadeada. Em PE, ao contrário, a categoria T sempre porta traços- ϕ , o que implica a obrigatoriedade da concordância sujeito-verbo e, conseqüentemente, a presença de constituintes nucleados por categorias com traços- ϕ (DPs/NPs) em posição de sujeito.

(31) Os menino comeu/comeram o bolo.

Além de capturar o contraste entre o PE e o PB em relação ao licenciamento de PPloc em posição de sujeito, uma análise desse tipo abre espaço para tratar, sob uma perspectiva unificada, a emergência diacrônica dos padrões de inversão locativa e a simplificação da morfologia verbal. Retornando à especulação a respeito de uma possível influência das línguas Bantu sobre a sintaxe do PB, poderíamos afirmar que ambas as inovações podem ser correlacionadas como parte de um mesmo “pacote de mudanças”.

Há pelo menos duas evidências que reforçam a idéia de que essa correlação existe. Uma delas tem a ver com particularidades do verbo possessivo *ter* no PB, destacadas em Avelar (2008). Conforme o autor, o uso de *ter* como verbo existencial no PB está justamente atrelado ao fato de, nessa língua, a estrutura das sentenças possessivas admitir um PPLOC em [Spec,TP/IP]. Se estiver correta, essa hipótese implica que o verbo possessivo começou a ser usado como existencial a partir do momento em que passou a licenciar o locativo preposicionado em posição de sujeito. A esse respeito, é importante salientar que as primeiras ocorrências de *ter* como existencial em documentos brasileiros são detectadas na segunda metade do século XIX (Callou & Avelar 2003), mesmo período em que, de acordo com Duarte (1995), a freqüência na ocorrência do sujeito nulo de 3ª pessoa começa a declinar. Se, da mesma forma que a queda na freqüência de sujeitos nulos, o licenciamento de PPLOC em posição de sujeito for uma conseqüência da morfologia verbal empobrecida, podemos explicar o porquê de a emergência de *ter* como existencial ser temporalmente paralela aos primeiros sinais da queda na freqüência de sujeitos nulos.

A outra evidência está no paralelismo que se pode observar entre o PB e algumas línguas Bantu, no que concerne a uma possível correlação entre padrões de inversão locativa e morfologia verbal.¹⁰ No conjunto das línguas Bantu, as gramáticas do sesotho, do setswana e do kinyarwanda destacam-se por apresentar um sistema de concordância locativa empobrecido. Em chichewa e chishona, com exemplos em (32)-(33) abaixo, a marca de concordância locativa presente no verbo (o índice 17 em (a) e o índice 18 em (b)) é a mesma que se manifesta no elemento pré-verbal. Em sesotho, setswana e kinyarwanda, ao contrário, com exemplos em (34)-(36), a marca de concordância locativa no verbo é sempre a mesma (17 em sesotho e setswana, e 16 em kinyarwanda), independentemente da especificidade do índice presente no locativo pré-verbal. Esse contraste entre chichewa e chishona, de um lado, e sesotho, setswana e kinyarwanda, de outro, permite considerar que este último grupo tem um paradigma de concordância locativa extremamente simplificado.

(33) CHICHEWA

- a. ku-mu-dzi ku-na-bwér-á a-lendô-wo
 17-3-village SC17-PAST-come-FV 2-visitors-those
 'To the village came those visitors.'
- b. m-mi-têngo mw-a-khal-a a-nyãni
 18-4-tree SC18-PERF-sit-FV 2-baboons
 'In the trees are sitting baboons.'

(34) CHISHONA

- a. ku-ru-kova kw-áka-ón-ék-w-á shúmbe né-um-kómaná
 17-11-river 17-PST-see-NEUT-PAS-IND 9:lion by-1-boy
 Lit.: 'At the river was seen a lion by the boy.'
- b. mu-marikete mú-no-téngés-éw-a mi-cheró
 18-market 18-PRS-sell-PAS-IND 4-fruit
 'In the market is sold fruit.'

(35) SESOTHO

- Mo-tsé-ng hó-tl-il-é ba-eti.
 3-village-LOC 17-come-PRF 2-travelers
 'To the village came the travelers.'

(36) SETSWANA

- Mó-le-fátshé-ng gó-fúla di-kgomo
 18-5-country 17SM-graze 10-cattle
 'In the country are grazing the cattle.'

¹⁰ Para uma discussão mais detalhada, ver Demuth & Mmusi (1997).

(37) KINYARWANDA

um	gisagára	ha-ra-rirímbir-a	aba-shyitsi
<i>in</i>	<i>7:village</i>	<i>16-PRS-sing-IPFV</i>	<i>2-guest</i>

Lit.: 'In the village are singing guests.'

(Salzmann 2004)

Os fatos do sesotho, do setswana e do kinyarwanda fazem lembrar, em alguns aspectos, o sistema de concordância atestado no PB, que leva o verbo a ocorrer preferencialmente na terceira pessoa do singular em casos de inversão locativa. Nos casos em (37) a seguir, por exemplo, que trazem locativos em posição pré-verbal no PB, os verbos não precisam ser flexionados para concordar com o sujeito argumental da construção, em posição pós-verbal. Na verdade, o emprego do verbo no singular soa bem mais natural que o seu emprego no plural; é possível que a manifestação de concordância seja, em tais casos, um fato da periferia gramatical, adquirido por meio de imitação da língua escrita culta, e não de uma propriedade da gramática nuclear.

- (38) a. Naquele quarto dorme(m) três crianças.
 b. Naquela loja trabalha(m) vários amigos meus.
 c. Na Unicamp estuda(m) dois filhos da Maria.

É importante frisar que línguas Bantu como o sesotho, o setswana e o kinyarwanda aceitam a inversão locativa com verbos inergativos e transitivos (desde que agente e tema não coocorram na mesma sentença – ver seção 2), da mesma forma que em PB. É possível, portanto, que exista algum tipo de relação entre morfologia empobrecida e a possibilidade de ocorrência de inversão locativa em sentenças inergativas e transitivas, tal como sugerido em Demuth & Mmusi (1997). Estaríamos, dessa forma, diante de indícios bastante fortes para a idéia de que as inovações em PB quanto à inversão locativa vêm no mesmo pacote de mudanças dos fatores que provocaram o enfraquecimento da concordância sujeito-verbo.

5. Consideração finais

Se as idéias aqui apresentadas forem confirmadas em pesquisas futuras, propriedades gramaticais de línguas Bantu poderão estar na

base tanto da simplificação do paradigma flexional quando das inovações que envolvem a inversão locativa no português brasileiro.

À guisa de conclusão, cabe ressaltar que este estudo não se encontra sozinho na tentativa de correlacionar as marcas de línguas ibéricas na América às propriedades mais gerais de línguas africanas. A abordagem de Negrão & Viotti (2008), por exemplo, reúne indícios de que a ergativização de verbos transitivos pode ser um reflexo da entrada maciça, em território brasileiro, de falantes de línguas africanas. No mesmo caminho, o estudo de Lipsky (2007) procura associar uma série de marcas encontradas no chamado *black Spanish* à gramática das línguas africanas. Os trabalhos publicados recentemente em Petter & Fiorin (2008), por sua vez, evidenciam que o debate sobre a influência das línguas africanas, ainda longe de uma visão consensual, pode ser tomado como um dos principais pontos da agenda de pesquisas, no século XXI, sobre a história e estrutura do português brasileiro.

Apesar de seu nível ainda bastante preliminar, este estudo sobre as “origens” da inversão locativa no português brasileiro pode, portanto, ser integrado a um debate mais amplo sobre os efeitos lingüísticos da entrada de africanos no continente americano, ao longo de quase quatro séculos. Olhar para as condições de formação do português brasileiro, tanto no plano intralingüístico quanto extralingüístico, é um elemento imprescindível ao sucesso desse debate.

Referências

- Avelar, J. 2006. *Adjuntos Adnominais Preposicionados no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas.
- Avelar, J. 2008 [forthcoming]. On the Emergence of TER as Existential Verb in Brazilian Portuguese. A sair em: P. Crisma; G. Longobardi (Eds.). *Historical Syntax and Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Avelar, J; Cyrino, S; Galves, C. 2008. *Locative inversion and agreement patterns: some parallelisms between Brazilian Portuguese and Bantu languages*. Apresentado durante o Special Wocal 6 (World Congress of African Linguistics), realizado em agosto/2008 na Universidade de São Paulo.
- Baker, M. 2003. Agreement, Dislocation, and Partial Configurationality. In: A. Carnie; H. Harley; M. Willie (Eds.). *Formal Approach to Function*. Amsterdam: John Benjamins, 107-134.

- Bresnan, J; Kanerva, J. 1989. Locative Inversion in Chichewã. *Linguistic Inquiry*. **20**: 1-50.
- Callou, D.; Avelar, J. 2003. Estruturas com “ter” e “haver” em anúncios do século XIX. In: T. Alkmim (Ed.). *Para a história do português brasileiro – Vol. III*. São Paulo: Humanitas-USP, 47-68.
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Chomsky, N. 2000. Minimalist Inquiries: The Framework. In: R. Martin; D. Michaels; J. Uriagereka (Eds.). *Step-by-step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge MA: The MIT Press, 89-155.
- Chomsky, N. 2001. Derivation by Phase. In: M. Kenstowicz (Ed.). *Ken Hale: A life in language*. Cambridge MA: The MIT Press, 1-52.
- Demuth, K.; Mmusi, S. 1997. Presentational focus and thematic structure in comparative Bantu. *Journal of African Languages and Linguistics*. **18**: 1–19.
- Duarte, E. 1995. *A perda do princípio ‘Evite Pronome’ no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas.
- Fernandez-Soriano, O. 1999. Two types of impersonal sentences in Spanish: locative and dative subjects. *Syntax*. **2(2)**: 101-140.
- Franchi, C.; Negrão, E.; Viotti, E. 1998. Sobre a gramática das orações impessoais com Ter/Haver. *D.E.L.T.A.* **14**: 113-140.
- Ferreira, M. 2000. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas.
- Figueiredo Silva, M. C. 1996. *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas SP: Editora da Unicamp.
- Galves, C. 1996. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: I. Roberts; M. Kato (Eds.). *Português brasileiro – Uma viagem diacrônica*. Campinas SP: Editora da Unicamp, 387-408.
- Galves, C. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas SP: Editora da Unicamp.
- Gonçalves, P.; Chimbutane, F. 2004. O papel das línguas Bantu na gênese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direccionais. *Papia*. **14**: 7-30.
- Kato, M. 2000. The Partial Prodrop Nature and the Restricted VS Order in Brazilian Portuguese. In: M. Kato; E. Negrão (Eds.). *The Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt: Vervuert – Latino-Americana, 223-258.
- Levin, B.; Rappaport Hovav, M. 1995. *Unaccusativity: at the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Lipsky, J. 2007. Afro-Yungueño Speech – The long-lost black Spanish. *Spanish in Context*. **4(1)**: 1-43.
- Marten, L. 2006. Locative inversion in Otjherero: more on morphosyntactic variation in Bantu. *ZAS Papers in Linguistics*. **43**: 97-122.

- Mendikoetxea, A. 2006. Unergatives that 'become' unaccusatives in English locative inversion: a lexical-syntactic approach. In: C. Cop; L. Gournay (Eds.). *Point de Vue sur l'Inversion. Cahiers de Recherche en Grammaire Anglaise de l'Énonciation*. Tome 9. Paris: Editions Orphys, 133-155
- Mok, S. 1992. Locative inversion in Cantonese. In: *Kansas Working Papers in Linguistics*. **17**: 115-157.
- Negrão, E. V.; Viotti, E. 2008. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: M. Petter; J. L. Fiorin (Eds.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo SP: Contexto, 179-203.
- Martins, A; Nunes, J. 2008 [forthcoming]. Syntatic Change as Chain Reaction: the Emergence of Hyper-Raising in Brazilian Portuguese. A sair em: P. Crisma; G. Longobardi. (Eds.). *Historical Syntax and Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Petter, M.; Fiorin, J. L. (Eds., 2008). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo SP: Contexto, 179-203.
- Roberts, I. 2007. *Diachronic Syntax*. Oxford: Oxford University Press.
- Roberts, I; Roussou, A. 2003. *Syntatic Change: a Minimalist Approach to Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rodrigues, C. 2002. Morphology and Null Subjects in Brazilian Portuguese. In: D. Lightfoot (Ed.). *Syntatic Effects of Morphological Changes*. Oxford: Oxford University Press, 160-178.
- Salzmann, M. 2004. *Theoretical Approaches to Locative Inversion*. Dissertação de Mestrado. Philosophical Faculty of the University of Zurich.